

Leverger por si mesmo

Leverger por si mesmo



Elizabeth Madureira Siqueira¹

RESUMO: Este artigo objetivou dar a lume um texto pouco conhecido e integrante do acervo do próprio Barão, herdado por sua neta, Maria Augusta Corrêa de Arruda e Sá, a quem era dirigido. A mesma doou-o à direção de *O Arquivo*, periódico que considerou relevante publica-lo em um de seus números de 1905. A grande preocupação de Augusto Leverger foi a de dar satisfação pública de sua situação financeira, demonstrando que o que havia acumulado durante sua vida fora resultado de proventos pelos cargos ocupados, adicionados aos bens de raiz, aos semoventes e móveis e o montante relativo ao valor de seus escravos. Além disso, fez questão de relacionar as despesas com a casa, as festas, esmolas, benfeitorias de suas propriedades e montepio. **Palavras-chave:** Augusto Leverger. Barão de Melgaço. Atividades financeiras. Casa Barão de Melgaço.

¹ Doutora em Educação, Mestre em História, Curadora da Casa Barão de Melgaço, membro do IHGMT e da AML

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo revelar un texto poco conocido que forma parte de la colección del propio Barón, heredado por su nieta, Maria Augusta Corrêa de Arruda e Sá, a quien estaba dirigido. Lo donó a la dirección de *O Archivo*, periódico que consideró relevante publicarlo en uno de sus números de 1905. La gran preocupación de Augusto Leverger fue dar satisfacción pública a su situación económica, demostrando que lo que había acumulado durante su vida había sido el resultado de las ganancias por los cargos que ocupaba, sumados a los bienes raíces, los móviles y muebles y la cantidad relacionada con el valor de sus esclavos. Además, se preocupó de relacionar los gastos de la casa, fiestas, limosnas, mejoras a sus propiedades y Montepio.

Palabras clave: Augusto Leverger. Barão de Melgaço. Actividades financieras. Casa Barão de Melgaço.

Muito se escreveu sobre a trajetória de Augusto João Manoel Leverger, o Barão de Melgaço, porém nenhum escrito foi capaz de projetar sua caminhada financeira como a traçada por ele próprio.

Nascido em San Malô, Bretanha, aos 30 de janeiro de 1802, desde sua saída da França em 1819, aos 17 anos, Leverger dedicou a maior parte de sua vida a Mato Grosso, tendo ocupado por diversas vezes a presidência da província, fixando-se em Cuiabá por cerca de trinta anos.

Este texto, escrito por ele próprio, foi obtido graças à doação da neta, a qual ofereceu o precioso e até então inusitado documento à Revista *O Archivo*, tendo sido publicado no volume IV, em 1905. A peça mais parece uma satisfação pública de sua vida e o que conseguiu amealhar durante essa trajetória. Detalhes de sua carreira, postos militares que ocupou e as funções que exerceu, constam do breve resumo. No século XIX era comum aos jovens enviar dinheiro para suas famílias residentes no exterior, o que ele o fez logo no primeiro provento que recebeu. Infelizmente, conta ele, sua mãe faleceu antes que o dinheiro chegasse, mas seus irmãos puderam usufruir, e o continuaram por longos anos.

Também era característica dos oitocentos a contração de dívida, por si ou de outrem, sem que fosse assinado qualquer documento público, mas apenas testemunho escrito e pactuado entre os contratantes.

Por isso, por ocasião do falecimento do pai Marthurin Miguel Leverger, em dezembro de 1822, em Buenos Aires, ele para lá foi buscando cobrar dos devedores, sem sucesso. Então, investiu na sua carreira, tendo ocupado elevados postos, a exemplo da nomeação, em 1841, para Consul Geral do Brasil no Paraguai, o que lhe possibilitou, no ano seguinte, acumular o suficiente para se casar e certamente adquirir uma residência condigna, um imóvel de esquina, na antiga Rua Grande, atual Barão de Melgaço em Cuiabá, com muitas janelas e portas frontais. Nos, a propriedade incluía, à época, quintal grande com casa de empregados, pomar e até estrebaria, se estendendo, da Rua Grande (atual Barão de Melgaço), até a antiga Rua da Fé (atual Comandante Costa).

Casa Barão de Melgaço, 1940



Foto: Afrânio Corrêa, Fotografia Avulsa, n. 15

Essa propriedade, em 1931, foi vendida pela neta, Catharina Leverger Corrêa, ao governo do estado de Mato Grosso, por motivo de desapropriação do imóvel pelo governo estadual, o qual achou por bem cedê-la como abrigo às duas mais antigas instituições culturais, o então Instituto Histórico de Mato Grosso e o Centro Mato-Grossense de Letras, atuais Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-Grossense de Letras. Semelhante doação foi feita pelo então interventor Antonino Mena Gonçalves, certamente por influência do então Secretário Geral do Estado, Virgílio Alves Corrêa Filho, fundador das duas citadas instituições. Em discurso proferido no momento da doação, assim Corrêa Filho justificou:

Senhores:

A memória da humanidade, volúvel e loureira, contingencia acaso da sua própria natureza feminina, ostenta por vezes continuidades de veneração que desperta nos mais descrentes a confiança no julgamento da posteridade.

Certo, nenhum de nós presenciou o fato que teria alvoroçado Cuiabá, de uma centúria atrás, nesta mesma data, que hoje nos trás aqui reunidos, governo e povo, para rememorar o primeiro contato de Augusto Leverger com a capital mato-grossense.

E poucos dos presentes trataram de perto com o marinheiro bretão, que, na velhice, ainda conserva o desempenho do moço que, aureolado de façanhas navais, em plena exuberância dos seus 28 anos, aqui aportou a 23 de novembro de 1830.

Entretanto, os feitos que praticou durante meio século de fecunda atividade consagrada a Mato Grosso; os ensinamentos que espalhou, mais pelo exemplo de uma consciência temperada ao calor de desvelada existência materna, do que pela falazes pregações desacompanhadas de atos; a serena coragem dos fortes, que não detona em explosões despropositadas, mas aflora, se necessária, como ocorreu na sinistra noite de agonia, de 19 de janeiro de 1865, quando Cuiabá,

em pânico esmorecia, derreada de um pavor, sem saber como pudesse resistir à ameaça dos invasores do Sul, a notícia de cuja aproximação em debandada os primeiros defensores de Melgaço; o apego às paragens cuiabanas, onde viveu a melhor fase da sua vida, as monografias em que vasou parte do seu saber especializado, tudo contribuiu para sagra-lo a maior individualidade mato-grossense no século passado.

Quem lhe proclama a benemerência não é a voz isolada de um admirador, por ventura suspeito pela sua condição de remoto descendente do bravo almirante, mas a unanimidade dos contemporâneos, que o glorificam como o salvador de Cuiabá, e o juízo imparcial dos pósteros, que lhe abriram as portas do Panteão.

Acorde com o sentir do povo mato-grossense, e com os conceitos dos historiadores, o governo atual do Estado, que sabe presar as glórias nacionais, por ter a sua frente um douto paladino de brasilidade, o Cel. Antonino Mena Gonçalves, em cujo coração de ouro Mato Grosso encontrou generoso e quente abrigo, declara a sua intenção de destinar ao culto levergeriano, pela maneira mais eficiente, a casa onde residiu o glorioso defensor de Cuiabá, cuja divisa heráldica lhe sintetiza as tendências pessoais. (CORRÊA FILHO, V. In: *Revista do IHGMT*, 2017, p. 14-15).



Fonte: Arquivo do IHGB. <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/vcfilhos.html>

A presença de Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, na história de Mato Grosso e do segundo Império brasileiro garantiu-lhe não só o título mobiliárquico, mas, sobretudo tornou-o imortal no coração dos mato-grossenses e dos habitantes da terra que escolheu para viver, Cuiabá.

Vejamos como Augusto Leverger resumiu os momentos que ele considerou mais relevantes em sua trajetória financeira:

Breve resumo da vida do Barão de Melgaço quanto à parte econômica, escrito por elle próprio²

Trinta annos de existência em Cuyabá e informações havidas fazem bastantemente conhecido o meu procedimento publico e particular. O que sou nas relações intimas de família, sabem-no minhas filhas. Quero que ellas saibão também que não têm de corar do pouco ou muito que lhes deixar de herança. E, por isso, começando a 1º de Janeiro deste anno de 1862, a escripturação do Livro dos meus negócios, que provavelmente há de ser o ultimo, resolvi fazer o seguinte breve resumo da minha vida quanto à parte econômica, O que ulteriormente succeder constará do mesmo Livro.

Em Maio de 1819, sahi de França, embarcado na Escuna mercante *Victoire*, da qual meu pai era capitão e sobre-carga. Em Agosto naufragamos na entrada do Rio da Prata. Em Outubro chegamos a Montevidéo. Pouco depois partiu meu pai para Buenos-Aires para tratar dos seus negócios. Com quanto providenciasse para a minha descende subsistencia, durante a sua auzencia, entendendo eu que na idade de desoito annos, que estava a completar, podia e devia tratar de viver sem ser pesado a ninguem embarquei, em Janeiro de 1820, como piloto da escuna *Angelica*, com o vencimento de 25 pesos mensaes. Em agosto do mesmo anno passei como piloto, para a Galera *General Lecor*. Meo vencimento foi successivamente elevado a 40 a 50 pesos. Desde então

2 O original deste precioso documento nos foi gentilmente offerecido pela Exma, Snra. D. Maria Augusta Corrêa de Arruda e Sá, digna neta daquele saudoso scientista, residente nesta cidade. Revista *O Archivo*, Anno I, v. III, maio de 1905, p. 128. A ortografia original foi mantida.

pude fazer algumas economias e mandar pequenos valores de mimo à minha mãe, que infelizmente falleceu antes de recebê-los, e posteriormente a meu irmão e minha irmã. Em huma viagem que fiz de Montevidéo para o Rio de Janeiro e Lisboa, empreendi hum pequeno negocio a instancias e com o auxílio de hum amigo meu (Carlos Gourhier). Não tive nem dei prejuízo, antes algum lucro, porém convenci-me de que eu não tinha geito para a vida mercantil.

De volta de Lisboa a Montevidéo, em Dezembro de 1822, soube do falecimento do meu pai em Buenos Ayres, parti para aquella cidade com o intento de, no interesse dos credores de meu pai, effectuar a cobrança de quaesquer haveres que tivesse deixado; mas não pude conseguir hum ceutil, principalmente por causa da má fé das pessoas com quem meu pai entretivera relações de negocio. Nisto perdi quase hum ano do meu tempo. No começo de 1824 tornei a embarcar como piloto da *General Lecor*, que, em Setembro seguinte, foi incorporado à Marinha Brasileira. Em Novembro do mesmo anno, entrei na Armada Imperial do Brasil, como 2º Tenente de comissão, e desde então estive constantemente embarcado a bordo de diversos navios de guerra, já como official, já como comandante, até meiado de Agosto de 1829, em que desarmou a corveta *General Dorrego*, que eu comandava. Tinha um peculio de 2 a 3 contos de reis.

Em Dezembro do mesmo anno de 1829, parti para Cuyabá, para onde me mandara o Governo, como comandante das barcas canhoeriras da Província de Matto-Grosso. Para esta viagem tive que fazer despesas relativamente avultadas em trastes, instrumentos, livros, etc. Cheguei a Cuyabá em Novembro de 1830, tendo em dinheiro perto de 1:200\$000 rs além do saldo, maiorias e vantagens vendi-as durante a viagem. O misero estado dos cofres da Thesouraria mal permitia que recebesse o indispensavel para as minhas despesas, aliás muito modicas (não excediam a 800\$000 por anno). Assim foram se accumulando vencimentos atrasados, de sorte que em 1832 tomei a pagamento huma letra da Thesouraria sobre o Thesouro, no valor de 2:000\$000 rs, inclusive o premio de 35%. Foi este propriamente o começo

do meu capital. Remetti a letra aos Snrs. Riedy, Lori et Le Lériey, do Rio de Janeiro, os quais empregarão o seu producto em compra de apólices da divida publica, que então valião pouco mais ou menos de 50% do seu valor nominal. O mesmo destino tiveram o producto do juros e outras remessas que fiz à mesma casa. Voltei de Cuyaba ao Rio em 1834. O meu Procurador o Sr. Joaquim Alves Ferreira cobrou o que me se ficou devendo na Thesouraria e o pôz a prêmio, até fazer-me remessa de tudo. Assim com os ditos juros e premios e principalmente pelo preço a que forão subindo as apolices, achava-me em 1837 possuidor de mais de 7 contos de reis. Fui nesse anno nomeado de novo para o comando que exercera na P. de Matto-Grosso. Deixei no Rio em mão do Sr. Benjamin Dapples cinco contos e tantos mil reis para serem consciencientemente empregados. Com a minha promoção a Capitão Tenente crescerão os meus vencimentos, e mais ainda quando em 1841, fui nomeado Consul Geral do Brasil no Paraguay, Com esses argumentos, juros e prêmios de 6 annos, possuía em 1842 cousa de 16:000\$000 reis.

Em Outubro de 1842, casei-me com D. Ignez de Almeida Leite. Feita a liquidação da herança do seo finado marido, veio a tocar-lhe em valores reaes 29:000\$000, ficando a seo cargo o pagamento das dívidas e legados na importancia de 11 contos, restando por tanto líquidos 18 contos.

Os bens do nosso casal subião pois a 34;000\$000 rs mais ou menos, a que se deve acrescentar 5:300\$000, importancia dos meios dotes de minhas enteadas Da. Ignez e D. Marianna, que devem ser contemplados por ocasião do meo falecimento ou do de minha mulher. Erão pois, em número redondo, os nossos haveres 40 contos.

Em 1844 segui para o Rio de Janeiro; tive algum lucro em huma porção de ouro em pó que havia comprado quando fora nomeado Consul para o Paraguay. Fui novamente despachado para a P. de Matto Grosso pela última vez a Cuyabá, em Abril de 1845. Tendo, desde então escripturado com mais ou menos regularidade os meos negócios, posso apresentar os seguintes inventários:

Bens de raiz	7:880\$000	16:000\$000
Bens semoventes e moveis	4:600\$000	4:500\$000
Escravos	6:500\$000	12:000\$000
“	6:800\$000	9:079\$090
“	“	2:400\$000
“	“	6:000\$000
Caixa e carteira	18:335\$814	45:824\$757
	44:115\$814	45:824\$757

Aumento em 17 anos 51: 588\$033

Demonstração do aumento:

Vencimento como official da Marinha em comissão de 1845 a 1851	15:036\$000	
Vencimento como Presidente de 1851-58 e Comandante das Armas de 1852-1856	66:804\$000	
Vencimento como Official reformado até 1861	7:376\$000	
Melhoramento dos Bens de Raiz e aumento do seu valor	8:120\$000	
Aumento do valor dos escravos, descontos feitos	45:500\$000	
Premios (calculados a posteriori), descontando as dívidas perdidas	30:292\$033	
	133:128\$033	
Despesas de casa, festas, esmolas	61:638\$000	
.....	515\$000	
.....	7:667\$000	
.....	4:900\$000	
Benfeitorias em casa	3:600\$000	
Montepio	3:120\$000	81:440\$000
Confére		51:688\$000

O produto do sítio não vai contemplado, porque tendo se gasto todo para despesas geraes, tanto deverão figurar na receita como na despeza.

Leverger³

Pelo visto, a probidade do Barão de Melgaço pode ser constatada na sua lisura estampada na prestação de contas, assim como sua benevolência e senso de justiça no agraciamento futuro de suas herdeiras, Ignez e Marianna, alertando que isso deveria ser garantido seja por ocasião de seu falecimento ou o da sua esposa Ignez de Almeida Leite.

Leverger chegou a Cuiabá em 1830 e logo se deparou com uma rejeição dos nativos em relação aos estrangeiros, culminada com o evento da Rusga, onde se constatou uma animosidade em relação não só aos portugueses, mas também aos estrangeiros de maneira geral, bem identificado por Virgílio Alves Corrêa Filho (1979, p. 18).

Nesse ambiente irritante, não foi difícil aos demagogos, infensos aos portugueses, que predominavam no comércio, promover o surto de xenofobia, que transmudou a pacatez habitual da cidade remota em agitado cenário de contínuas escaramuças que iriam deflagrar na tragédia sanguinolenta de 30 de maio.

O bretão cuiibanizado, na expressão de Corrêa Filho, soube, com habilidade política, desvencilhar-se das agressões que certamente sofrera naquele período conturbado.

Em momentos posteriores, desavenças ocorreram por conta do comando da força civil e militar, como em 1865, período governamental do Barão de Aguapey, que favorecia descaradamente apenas seus correligionários quando no comando da Guarda Nacional. Usando de muita habilidade política, Leverger venceu a contenda solicitando ao Imperador, através de Nabuco de Araújo, o afastamento daquele

³ Texto de autoria de Augusto Leverger, Barão de Melgaço, estampado na Revista *O Archivo*, v. 1, p. 128-130, 1905. Transcrito respeitando a ortografia original.

presidente da província, o que ocorreu em seguida. Mesmo neste episódio, os resquícios da aversão aos estrangeiros ainda se mantinha.

À época, Leverger assim justificou:

Cumpre-me dizer a V. Ex. que os principais motivos de dissidência entre as vistas do ex-Presidente e as minhas diziam respeito à organização e disposição da força militar, dando eu muito pouca importância a outras quaisquer considerações. Como particular, nunca tomei parte ativa nas chamadas lutas políticas, concordando nisto a minha índole e o dever que me ditavam as circunstâncias de ser militar e de não ter nascido no Brasil. (LEVERGER In: CORRÊA FILHO, Virgílio Alves. Op. cit, p. 72).

Quando se afastava temporariamente da vida Pública, seu refúgio era uma chácara à beira do rio Cuiabá, sítio que ele menciona não arrolar nos bens acumulados, local onde colocava as ideias em ordem, projetava futuras ações e recebia, em aconselhamento, diversas personalidades de Cuiabá.

Considerando o inconstante panorama político durante o Império, quando liberais e conservadores se revezavam nos Gabinetes objetivando conciliar os diversos interesses políticos, Leverger angariou muitos desafetos, porém nunca deixou de ser considerado distintamente pelo Imperador. Isso justifica a minuciosa “prestação” de contas de sua trajetória financeira, documento pouco conhecido e que tomamos por objeto deste artigo.

Referências

CORRÊA FILHO, Virgílio Alves. *Leverger: o bretão cuiabano*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1979.
 INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO. *Revista do IHGMT: edição comemorativa do bicentenário de nascimento de Augusto João Manoel Leverger, Barão de Melgaço (1802-2002)*. Cuiabá, n. 60, 2002.

LEVERGER, AUGUSTO. *Apontamentos cronológicos da província de Mato Grosso*. Cuiabá: IHGMT, 2001. (Publicações Avulsas, n. 19).

REVISTA *O ARCHIVO*. Cuiabá: Estabelecimento “Avelino de Siqueira”, 1905.

TAUNAY, Visconde de. *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil (1800-1892)*. São Paulo: Melhoramentos, 1932.